

ARTIGO DOSSIÊ

O HINO À FEIRA: ENTRE A RESSIGNIFICAÇÃO E A IDENTIDADE

THE ANTHEM TO FEIRA: BETWEEN RESIGNIFICATION AND IDENTITY

ALDO JOSÉ MORAIS SILVA*

RESUMO

Esta pesquisa investiga o processo de ressignificação do hino municipal de Feira de Santana (Bahia), como resultado do esforço desta sociedade para encontrar símbolos capazes de representá-la (nas décadas finais do século XX) quando transformações urbanas e no perfil populacional produziram uma percepção de perda de sua identidade sociocultural. Como resultado, o hino da década de 1920, cuja letra deixou de ser compreendida por décadas, por trazer imagens e alegorias que a população atual já não reconhece, foi reapresentado como um elemento de identidade possível. Uma mudança viabilizada pela perda daqueles significados, que possibilita o acolhimento do hino por uma sociedade mais diversa e disforme.

PALAVRAS-CHAVE: Hinos cívicos; memória local; identidade social; música e história.

ABSTRACT

This research investigates the process of re-signification of the municipal anthem of Feira de Santana (Bahia), because of the effort of this society to find symbols capable of representing itself (in the final decades of the twentieth century) when urban transformations and in population profile produced a sense of loss of their socio-cultural identity. As a result, the hymn of the 1920s, whose lyric were no longer understood for decades because it brings images and allegories that the present population no longer understands, has been re-presented as an element of possible identity. A change made possible by the loss of those meanings, which enables the acceptance of the hymn by a more diverse and formless society.

KEYWORDS: Civic anthems; local memory; social identity; music and history.

Situando o objeto

Um hino é um “poema ou cântico de veneração, ou louvor, ou invocação à divindade”, que executado sob o acompanhamento de uma música de natureza solene ou marcial “exalta o valor de algo ou de alguém”.¹ Tal definição sinaliza os muitos sentidos e funções dos hinos no decurso da história. Os estudos sobre a hinologia alcançam a Antiguidade, evidenciando que se prestavam tanto à narrativa dos feitos divinos, definidores e orientadores da conduta dos homens e de sua relação com a transcendência,² como ao enaltecimento das virtudes da cidadania, encarnada pelos heróis atletas olímpicos.³ Nestas circunstâncias os hinos configuram-se como elementos simbólicos, partes integrantes de rituais que cumprem o papel de fazer lembrar o que dá sentido à realidade, ou, mais significativamente, de (re)constituir a realidade tal como concebida.⁴

Mas a funcionalidade dos hinos não se limita à dimensão religiosa ou metafísica, sendo indissociável destes o uso político. Assim, por exemplo, na Idade Moderna, a dimensão política de produção dos hinos lhes conferiu finalidades revolucionárias.⁵ Do mesmo modo, é o caráter simbólico-político que fez dos hinos ferramentas dos processos de construção das identidades coletivas e dos ideais de pertencimento aos estados nacionais em formação, como o demonstraram Hobsbawm e Ranger.⁶ Não por acaso músicos como Chopin, Liszt e Verdi foram tidos como referenciais de nacionalidade em seu tempo,⁷ e há hinos nacionais compostos por artistas consagrados, como o hino alemão, cuja melodia é de autoria de Joseph Haydn, conforme observa Carvalho.⁸

Pela mesma razão os hinos cívicos brasileiros (o Hino Nacional Brasileiro, o Hino à Bandeira, hinos estaduais e municipais) vêm sendo objeto análises, na tentativa de perscrutar os esforços e estratégias discursivas, bem como os elementos alegóricos (dentro do que Berg chama de cultura simbólica)⁹, utilizados para o desenvolvimento da ideia de nacionalidade numa sociedade cindida por diferenças regionais, econômicas e sociais. É vasta a produção sobre a temática em distintas áreas do saber, mas trabalhos como os aludidos estudos Berg, na área da Geografia, e Carvalho em Música, bem como Rodrigues,¹⁰ no campo da Linguística e Pereira¹¹ e Basile¹² na área da História, fornecem bons exemplos do teor das reflexões tecidas em cada área.

Profícuos ainda são os estudos acerca do período áureo da difusão dos hinos na cultura brasileira, a década de 1930 e o governo Vargas, quando o canto orfeônico (essencialmente corais escolares voltados para a entoação de hinos cívicos) foi utilizado como instrumento pedagógico no sistema educacional nacional, sob a concepção e orientação do Maestro Heitor Villas-Lobos, num projeto cujo intuito era, como salienta Galinari, “[...] valoriza[r], dentre outras coisas, a construção da nacionalidade, pautada na representação da História do Brasil, e a memória popular, presente em nossa cultura e tradições [...]”, sendo a música e o canto orfeônico “a utopia sonora de realização da nacionalidade”.¹³

Ao focar no público infantil-escolar a ação do Estado acabava alcançando suas famílias, obtendo grande penetração na sociedade, como observa Chernavsky,¹⁴ e potencializando o alcance do projeto educacional

nacionalista, marcando profundamente as gerações que vivenciaram tais experiências.

Focados na contemporaneidade, há também estudos que abordam a origem e o papel dos hinos no esporte, em especial no futebol, e sua influência sobre as torcidas, sobretudo como elemento promotor de uma identidade de grupo e enaltecimento simbólico das agremiações. Cornelsen, por exemplo, investiga tanto a transição dos hinos marciais para os hinos futebolísticos no início do século XX em Portugal,¹⁵ como no Brasil.¹⁶ Tubino, Souza e Valadão valem-se também dos hinos de clubes de futebol carioca para discutir a utilização deste esporte como substituição à atividade bélica e reforço à identidade nacional,¹⁷ evidenciando o horizonte de possibilidades relacionadas ainda aos hinos e sus usos no tempo presente.

O hino à Feira de Santana, objeto do nosso estudo, foi produzido na década de 1920. Como dementaremos, este foi originalmente um hino escolar (e, portanto, não ‘nasceu’ como um hino oficial do município), mas não foi concebido no contexto da ênfase ao canto orfeônico, nem se prestou aos propósitos do projeto nacionalista da Era Vargas. No decurso da década de 1990, porém, foi este o instrumento político no qual parte da sociedade feirense buscou um elemento de afirmação identitária, num contexto em que outros usuais referenciais (patrimônio arquitetônico, grupos sociais, estrutura urbana, etc.) já não logravam cumprir esse papel. Demonstrar como e porque isso ocorre é o nosso intento seguinte.

Um olhar sobre a experiência feirense

Em 1928 a Escola Normal de Feira de Santana (Bahia) publicou o seu hinário com letras de diversos hinos cívicos. Um destes era o Hino à Feira de Santana, assinado pela escritora, maestrina e também professora da dita Escola Normal, além de organizadora do hinário, Georgina Erismann.¹⁸ O cântico em questão foi concebido, contudo, como um hino escolar. E como tal era essencialmente voltado para difundir valores tidos como desejáveis entre as normalistas, suas alunas, futuras professoras das escolas do município. Seu foco está em descrever algumas das características do meio ambiente do município, como a fama de possuir um clima favorável à cura de doenças respiratórias, ou um céu quase sempre azul, mas sobretudo em enaltecer as virtudes a serem cultivadas pelo povo, como a religiosidade católica, o trabalho e a moral. Eis o hino de Georgina Erismann:

Hino à Feira, 1928

1ª Estrofe	Refrão/coro	Salve ó terra formosa e bendita Paraíso com o nome de Feira Toda cheia de graça infinita És do Norte a princesa altaneira
2ª Estrofe	Solo I	Bem-nascida entre verdes colinas Sob o encanto de um céu azulado Ao estranho tu sempre dominas Com o poder do teu clima sagrado
3ª Estrofe	Solo II	Sorridente como uma criança Descuidosa da sua beleza Do futuro és a linda esperança Terra moça de sã natureza
4ª Estrofe	Solo III	Poetisa do branco luar Pelas noites vazias de agosto Fiandeira que vive a fiar

A toalha de luz de sol posto
5ª Estrofe Solo IV De Santana és a filha querida
Noite e dia por ela velada
E o teu povo tão cheio de vida
Só trabalha por ver-te elevada¹⁹

Como hino escolar sua execução ficou restrita à própria Escola Normal. Assim, no decurso da primeira metade do século XX o hino jamais foi sequer associado à condição de hino cívico oficial e, de fato, deixou de ser regularmente reproduzido até mesmo na Escola Normal. Aliás, ao que tudo indica, só não caiu no esquecimento porque as normalistas, atuando como professoras, permaneceram fazendo uso deste em suas atividades como docentes. A despeito da tal preservação, porém, o significado da letra claramente esvaziou-se em relação àquilo que a obra buscava propagar. Com efeito, para além da noção hodierna de ser o hino à Feira de Santana um cântico de enaltecimento da cidade, os sentidos específicos de cada alegoria, os valores e experiências que balizaram e motivaram a sua concepção são completamente estranhos às atuais gerações, salvo, talvez, pela referência à condição de cidade comercial (feira), o único traço ou característica aludida na obra, na qual a cidade ainda é reconhecível.

A mudança de sentidos ou mais significativamente a perda destes (quando associados até mesmo a monumentos físicos que pretendem evocar o passado) não é um fenômeno inusitado, tampouco exclusivo à experiência dos feirenses. De fato, boa parte do desafio inerente à preservação do dito patrimônio material histórico, artístico ou arquitetônico, reside exatamente na manutenção de elos de sentido e significação entre tais elementos e a sociedade que se transforma e que

muda seus referenciais de valor e identidade social,²⁰ fatores sem os quais a preservação converte-se em mera ação impositiva do Estado, destituída de legitimidade e fortemente ameaçada de insucesso, já que, como observa Gonçalves:

[...] Organizações não governamentais, movimentos sociais, empresas, grupos sociais e indivíduos assumem iniciativas no sentido de reivindicar, estabelecer e contestar “patrimônios culturais”. Sem deixar de ser uma agência legitimadora e apoiadora fundamental, o Estado se vê obrigado a reconhecer e a lidar com uma série de outros atores sociais engajados na identificação e preservação de patrimônios.²¹

Em Feira de Santana tal fenômeno ocorreu de modo particularmente acentuado. Sua intensidade relaciona-se, sem dúvida, à própria história e dinâmica de crescimento da cidade,²² que no século XX experimentou um acelerado crescimento demográfico, fruto direto de sua condição de entreposto comercial e da facilidade de acesso que sempre exibiu com outras localidades, característica que se acentuou a partir da segunda metade do século, quando grandes rodovias passaram a cruzá-la, como as BR 101 e 116.

Por conta de tal dinâmica, de acordo com dados do IBGE,²³ entre 1907 e 1939 Feira de Santana foi a segunda maior cidade do interior do estado da Bahia em população, com números que foram de 69.911 a 103.672 habitantes, respectivamente, com um crescimento anual da ordem de aproximadamente 1,36%. A partir de 1939, contudo, a taxa anual passou a 3,11% e entre as décadas de 1940 a 1969, manteve-se no patamar médio de 3,09% ao ano.²⁴ Na década de 1970 a taxa de crescimento populacional feirense chegou a 70%, retornando para 40,2% na década de

Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 115-147, Jan-Abr, 2018.

1980.²⁵ Não obstante, os números para a sede do município (sua zona urbana) são bem mais expressivos, com um aumento médio de 90,12% por década, o que leva à triplicação do percentual da população urbana em relação à população total do município, entre 1940 e 1970. Em 1984, como destacou Mello,²⁶ a população feirense era estimada em 304.000 habitantes, 80% dos quais (243.200 pessoas) na zona urbana.

Esta população em constante e acentuado aumento era constituída, em sua maior parte, por migrantes e seus descendentes, de localidades próximas ou de outras regiões e estados do país. Essa massa humana, heterogênea física e culturalmente, que afluiu para a Feira de Santana em um ritmo tão intenso e em tão curto período, obviamente diluiu por completo tanto a população local (aquela com uma ascendência historicamente associada ao lugar), como a identidade que aquela sociedade tinha com o passado da cidade, suas referências e valores. Não se está a falar aqui, é claro, de algo como um vácuo identitário (inexistente em qualquer circunstância), mas, pelo contrário, de uma profusão de novos referenciais e projetos pessoais e coletivos que, em seu conjunto, traduziam-se em expectativas focadas no futuro e sem articulação com os projetos historicamente hegemônicos na sociedade feirense, independentemente de quais tenham sido e de quaisquer juízos de valor sobre estes.

A percepção destas transformações ficou registrada pelos cronistas da cidade. O escritor Eurico Alves Boaventura foi um deles. No texto *A velha e a nova cidade*, escrito entre as décadas de 1950 e 1960, o autor expressou sua visão das mudanças que a Feira de Santana vivia, já no decurso da década de 1940, com o aumento do número de pessoas de

outras plagas, e das transformações que tal afluxo acarretava na dinâmica física e social feirense:

[...] Em 1949, daí para frente, todavia, operou-se repentina transformação aqui na vida urbana. [...] Ondas e mais ondas e mais ondas de nortistas, de nordestinos, sobretudo de nordestinos bem intencionados, por aqui batiam. Outra já era a linguagem ouvida pelos cantos de rua, no meio das praças, no campo-de-gado, até mesmo na heráldica e orgulhosa Avenida Senhor dos Passos [...]. E aqui e ali burburinho de sombras saltando de paus-de-arara de auto-ônibus de longe, muito longe. A maioria dos que pulavam dos carros se enquista na cidade, se ajeita no comércio. Acomoda-se depois, na sociedade, em tudo. Vira até doutor [...]. E os velhos patronímicos conhecidos, Carneiro, Dias Carvalho, Macedo, Simões [...] estão agora caminhando ao lado de outros cognomes recentes e bem diferentes, vindos lá de longe. [...]

Vamos passeando pelas ruas da cidade, da antiga cidade, que foi o encanto de muita gente que ficou no passado, e que se partiu deste mundo. De onde em onde a interjeição de desconhecido nome: Quem é? É um pernambucano. Belo palacete! É de um paraibano. Boa loja! É de um cearense. Bem sortido armazém! É de um alagoano. Bela chácara esta de outro nortista... Reaprende-se aqui a corografia brasileira, a evocação do lugar de origem de tanta gente, que aqui veio endinheirar-se, ajudar a enriquecer de novo a velha paisagem.²⁷

Em 1951, outro cronista local, Hugo Navarro Silva, produziu um texto para o poeta feirense Aloísio Rezende (falecido em 1941) e nele trouxe também sua leitura sobre as transformações que a Feira vivia. Mas, diferente de Eurico Alves, Navarro via as mudanças em curso negativamente. Para este último, vivia-se já um processo de

empobrecimento cultural com a mudança de práticas e valores decorrentes do perfil da nova população:

[...] A população sofreu uma extraordinária mudança. Há nortistas e nortistas, com todos os sotaques e todas as peixeiras. [...] Ontem deu dois macacos no bicho, que anda muito animado por cá. Asseguro-te, nunca houve tanta barriga a mais e tanta cabeça a menos, como agora. Os livros são muito procurados, pelo marroquim das encadernações e pelo ouro dos dorsos, para servir de ornamento a um belo *hall* ou a um gabinete fidalgo. As misérias, em prosa e verso, perpetram-se, não somente em letra de forma, mas agora em grande escala, também na linguagem falada que espalham as torres de aço das estações de rádio. Este é o alvorecer da segunda metade do século na província com pernosticismo de capital.²⁸

Importa-nos menos o mérito de tais críticas do que o reconhecimento de que as transformações sociais em curso na cidade eram claramente identificadas por seus contemporâneos. E, do mesmo modo, é forçoso reconhecer, como já foi assinalado, que a profusão de novos sujeitos e projetos acabou por produzir um corpo social muito pouco identificado com o passado feirense e, conseqüentemente, com a necessidade de manter vínculos com este, por meio dos usuais elementos de fixação da memória coletiva.

Não por acaso, embora este não seja em absoluto um fenômeno exclusivamente feirense, o centro histórico da cidade perdeu quase que por completo, entre meados do século XX e os dias atuais, a identidade arquitetônica que o caracterizava na primeira metade do século passado. Esse fenômeno tem sido pontualmente assinalado, como denúncia, pela imprensa feirense hodierna, mas sem que medidas concretas tenham sido adotadas para barrar o processo, quer seja pelas autoridades públicas

(executivas ou legislativas), quer seja pela sociedade civil. Aliás, é particularmente notável como a sociedade feirense hodierna, salvo pela fala de poucos indivíduos, expressa tão pouca (ou nenhuma) reação a tais transformações. E isso é notável não porque se esperasse que esta mudada sociedade acolhesse os antigos elementos de um passado do qual não partilhou, mas exatamente porque sua indiferença permite perceber como tal ausência de laços converte-se em um fator poderoso (ainda que não seja o único, obviamente) na determinação das características e do ritmo desse processo de desconstrução de antigas identidades e sua reconfiguração.

Veja-se nesse sentido a sequência de imagens abaixo, enfocando dois espaços do centro histórico feirense (a Rua Sales Barbosa e a Avenida Senhor dos Passos), em três momentos entre as primeiras décadas do século XX e os dias atuais:



Figura 1: Vista da Rua Sales Barbosa 19[30], de sul a norte, tendo à direita o Mercado Municipal.
Fonte: **POR SIMAS** (Blog). 7 abr. 2013. 22 jul. 2015. No tempo da Velha República.²⁹



Figuras 2 e 3: Vistas da Rua Sales Barbosa na década de 1980, (à esquerda,) e nos dias atuais (à direita), ambas tendo no canto superior esquerdo o Mercado Municipal.

Fonte: SKYSCRAPERCITY. n. 8032, maio 2012.³⁰

Na sequência de figuras de 1 a 3, tem-se diferentes vistas da Rua Sales Barbosa.³¹ Na primeira, feita na década de 1930, houve uma preocupação em evidenciar tanto a retidão e extensão da rua (pela escolha do ângulo), elementos caros à concepção de cidade então em voga, como a dinâmica econômica que esta abrigava. Nesse sentido, o momento escolhido flagrou diversos transeuntes e animais de carga, além de

estabelecimentos comerciais, à esquerda, enquanto o Mercado Municipal figura à direita. Havia também, sem dúvida, residências na extensão da Rua Sales Barbosa, mas estas estavam situadas mais ao fundo, à medida que se distanciavam da área articulada com a Praça do Comércio, na qual a rua desemboca. Como expressando tal articulação, a atividade comercial aparece aqui organicamente integrada ao espaço urbano, dando-lhe sentido e ordenação.

Na década de 1980 (figura 2, à esquerda), a mesma rua já está fechada ao trânsito de automóveis e, conseqüentemente, dedicada completamente a uma função comercial. Já não há residências em sua extensão naquele momento, transformadas todas em lojas, sobretudo de confecções e sapatarias. O ângulo nesta imagem é inverso ao anterior, tendo ao fundo a antiga Praça do Comércio, então rebatizada como Praça da Bandeira. O fotógrafo, por sua vez, buscou capturar o novo espaço, destacando sua função de área de circulação para os consumidores entre as lojas. Estes podiam inclusive fazer uso dos quatro grandes bancos distribuídos pela extensão do trecho fotografado, bancos estes (em alvenaria) situados na parte côncava de semicírculos estilizados que traziam integrados jardins elevados. Trata-se de um espaço em que a função comercial passou a uma condição de primazia, mas onde ainda há distinção entre o público e o privado e, sobretudo, onde a esfera pública ainda é pensada em razão das pessoas que dele faziam uso, considerando o deslocamento, visibilidade e descanso.

A figura 3, à direita, feita na década atual, do mesmo ângulo e local da foto anterior, mostra uma situação completamente distinta. O espaço público, a rua propriamente dita, foi tomada por barracas. Inicialmente

móveis, estas barracas na atualidade são fixas e ocupam toda a extensão central do trecho. Os antigos bancos e jardins foram retirados (na verdade uma ação da prefeitura, exatamente para abrigar os ‘ambulantes’ que pressionavam por mais espaço, ainda na década de 2000). A população tem sua área de circulação drasticamente reduzida, e queixas quanto aos inconvenientes causados, bem como cobranças de solução para a questão tornaram-se frequentes na imprensa,³² dando voz, ora a entidades privadas, como a Associação Comercial e Empresarial de Feira de Santana, ora a cidadãos independentes. A retirada das barracas, porém, já não é uma possibilidade considerada. Quando muito, tenta-se ordenar sua distribuição, bem como a forma como usam os espaços próximos, de modo a tentar assegurar que condições mínimas de circulação sejam mantidas.³³ Dinâmica semelhante se dá com os demais espaços registrados.



Figura 4: Avenida Senhor dos Passos, década de 1950.
Fonte: **POR SIMAS** (Blog). 26 jul. 2015. Avenida Senhor dos Passos.³⁴



Figura 5: Avenida Senhor dos Passos, 1984.
Fonte: **MEMÓRIAS de Feira de Santana** (blog). 28 jul. 2011. Avenida Senhor dos Passos em 1984.³⁵

A figura 4 mostra a Avenida Senhor dos Passos na década de 1950. Destaca-se o canteiro central e a arborização numa cidade que ainda contava com poucos automóveis. Na figura 5, feita em 1984, o aumento do número de automóveis já produziu sensíveis mudanças no cenário urbano. O canteiro central e a arborização desapareceram para ceder mais espaço aos veículos em pista de mão dupla. Mas ainda é possível observar um número razoável de construções mais antigas, características do período em que a Avenida Senhor dos Passos era chamada de “fidalga” pelos cronistas da velha Feira, o que ainda assegurava ao espaço certa identificação como zona central (e histórica) da cidade. Do mesmo modo,

as calçadas ainda estão reservadas aos pedestres, que circulam sem dificuldade no espaço público.



Figura 6: Avenida Senhor dos Passos, 2013.

Fonte: AUGUSTO, C. Empresários de Feira de Santana preparam campanha para denunciar estado de desordem do centro comercial. **Jornal Grande Bahia**. Feira de Santana, 11 ago. 2013.³⁶

A figura 6, feita em 2013, mostra um trecho próximo ao registrado pelas imagens 4 e 5. O ângulo é distinto, já não é o plano em perspectiva da extensão da avenida, mas uma seção desta. E a intenção de tal mudança foi dar concretude à matéria “Estado de desordem do centro comercial”, evidenciando a ocupação dos passeios por uma sequência praticamente contínua de barracas e vendedores ambulantes. Na imagem o volume acentuado de tais estruturas reduz à metade a área de circulação de pedestres sobre os passeios, além de dificultar o acesso destes à rua. A

figura 6 mostra ainda transeuntes caminhando na faixa exclusiva para ônibus, em grande medida por conta da falta de espaço nos passeios.

A percepção mais imediata sobre tais transformações credita, ao sabor do momento político e das filiações ideológicas, os evidentes problemas sentidos em tais espaços, às carências sociais, à má gestão municipal, ou, de modo mais amplo, à articulação mais complexa entre estes elementos, conforme a ilustrativa manchete “A dramática situação das calçadas de Feira de Santana é resultado da falta de disciplina social dos cidadãos em consonância com a incúria de servidores e órgãos de fiscalização”.³⁷

Seja como for, o estranhamento causado pela sequência de imagens de cada um dos pontos, ou mesmo a identificação de tais mudanças, por quem circula pela cidade tendo-a conhecido sob outras condições (seja por experiência própria, seja através de estudos ou documentos), deve-se a algo mais do que mero saudosismo, a uma leitura anacrônica quanto à funcionalidade de tais espaços, ou mesmo à exasperação do tipo mixofóbica frente à diversidade, como entendida por Bauman.³⁸ Tal estranhamento resulta de uma percepção, mesmo que difusa, de um fenômeno contemporâneo concreto, próprio às grandes cidades, e tanto mais acentuado quanto mais amplo é o meio urbano hodierno, identificado por Freitag³⁹ como a “megapolização” das cidades, especialmente as latino-americanas. Embora o conceito seja pensado para cidades bem maiores do que Feira de Santana, não parece haver dúvidas quanto ao fato de que vários dos elementos constituintes de tal processo, conforme formulado pela autora, mostram-se operantes na cidade baiana e explicam as transformações observadas nas imagens, bem como

oferecem indícios do curso tomado pela cidade e sua provável configuração nos anos vindouros. Sobre isso observa a autora:

Chamo de megalopolização um padrão específico de urbanização. Trata-se de um processo de transformação rápida e recente de uma cidade ou metrópole em uma megametrópole. Esse processo acelerou-se na segunda metade do século XX e afeta a várias cidades do hemisfério sul [...]. O critério principal nessa categorização é o crescimento desordenado, desregrado da população urbana, que faz transbordar os limites naturais e administrativos da cidade, tornando-a insustentável. A megalopolização é acompanhada da poluição do ar, da água (mananciais e lençóis freáticos), do desequilíbrio ecológico e da desorganização social (anomia, violência, tráfico de drogas e armas etc.).⁴⁰

O que Freitag não chega a detalhar são as implicações deste processo sobre os referenciais identitários sociais nestas cidades. Com efeito, a polifonia de experiências e expectativas desencadeia dois processos simultâneos: por um lado, acentua a falta de articulação e de sentidos entre os que vivenciaram dinâmicas sociais anteriores e distintas, mas ainda perfeitamente memoráveis dado que o crescimento rápido das cidades não lhes põe muito distantes em termos temporais. De outro lado, contudo, parte das novas gerações, nascidas e criadas, ou simplesmente chegadas em tal ambiente polifônico e em constante mutação, veem nessa dinâmica e na fluidez que lhe é característica a normalidade de sua própria experiência, em sua temporalidade particular. Assim, enquanto para este último grupo o cenário sociocultural hodierno não causa estranhamento, aos legatários de outras experiências, mostra-se como a expressão de uma

crise, que exige medidas de controle ou, pelo menos, estratégias de preservação de seus referenciais.

Parece ser nesse último contexto que o hino à Feira ganhou a projeção que possui na atualidade. Como assinalamos anteriormente, o hino foi executado inicialmente no âmbito das atividades da Escola Normal, tendo como público ouvinte, em princípio, apenas as normalistas. Estas, por sua vez, tornaram-se difusoras do hino quando vieram a atuar em instituições de ensino nas décadas seguintes,⁴¹ ampliando ao público escolar o conhecimento do hino.

A estrapolação dessa esfera, porém, não foi imediata. Obras didáticas ou memorialísticas, produzidas sobre a história feirense, nos anos de 1970, ainda não faziam referência ao hino ou a sua autora como emblemas da identidade feirense. Este é o caso da *Pequena história de Feira de Santana*, de Raymundo Pinto, professor de História do Instituto de Educação Gastão Guimarães (que veio substituir a Escola Normal), e de *Feira de Santana no vale do Jacuipe*, de Gastão Sampaio, que traz breves notas biográficas sobre Georgina, mas sem mencionar o hino à Feira ou sua autoria. Mesmo com o reconhecimento oficial do hino, em 1990, e sua adoção em eventos públicos no decurso daquela década, para alguns, sua execução ainda era considerada por demais inconstante, mesmo na década de 2000, como registrou o articulista do jornal Grande Bahia, ao questionar:

Fico a me perguntar: por que não encerrar o evento em homenagem a nossa padroeira com o Hino à Feira de Santana? Segundo minha amiga Gracinha Ferreira, só a escola Ruy Barbosa, da saudosa Pró Nena, entoava algumas vezes durante a semana, o Hino à Feira de Santana. Deveria ser obrigatório, pelo menos

nos colégios municipais, a execução deste hino, um cântico que une a poesia e a música de forma perfeita. [...] Fica registrado o meu protesto ao descaso com o Hino à Feira de Santana.⁴²

Mas é preciso assinalar que em 1966 uma outra obra, o *Album da Feira de Santana - Bahia*, produzido pelo jornalista Franklin Machado, apresentou o hino e sua autora como elementos representativos da sociedade feirense. Cabe observar, contudo, que esta obra é marcada por sua informalidade. De fato, mesmo produzida com o apoio da Prefeitura Municipal para a sua impressão, o *Album* pode ser caracterizada como uma produção independente, não oficial,⁴³ e que jamais pretendeu ter uma função didática, como a *Pequena História*, de Raymundo Pinto, nem ser uma crônica da vida e personagens feirenses, como na obra de Gastão Sampaio, mas apenas um registro visual (através de desenhos do autor) de aspectos da “sociologia” feirense. Na apresentação da obra Machado demonstra ainda como sua produção foi motivada, sobretudo, por uma ideia de pertencimento, o que tornava seu *Album* uma declaração de afetividade à “terra de [seus] antepassados, onde nasc[eu] e [se] cri[ou]”.⁴⁴ E, ainda mais elucidativo, Machado foi, ele próprio, aluno da Escola Normal e, portanto, conhecedor do hino em seu processo educacional.

Desse modo, a obra de Machado, que ao que tudo indica foi a primeira a identificar o hino e sua autora na segunda metade do século XX, vale sobretudo como um indicativo acerca da existência de um tipo de registro informal do hino, um efeito da ação multiplicadora das educadoras formadas por Georgina, que permaneceu difuso em certos segmentos sociais, que dele se valeram, tempos depois, exatamente quando se deu, paulatinamente, a percepção de que uma nova conjuntura

sociocultural impunha a retomada de elementos simbólicos que assegurassem a reafirmação (ainda que a partir de outros sentidos) de uma identidade feirense.

Ou, em outras palavras, o que o trabalho (de 1966) de Machado mostra é que o hino, como elemento simbólico em potencial, sempre esteve acessível e disponível à sociedade feirense, mas que foi somente quando esta começou a se dar conta de que a identidade social e histórica local estava em crise (sobretudo para as gerações nascidas na primeira metade e meados do século XX), que a obra de Georgina se tornou, em conjunto com outros elementos,⁴⁵ parte efetiva dos artifícios usados para (re)definir e (re)afirmar uma identidade feirense, em uma sociedade fortemente marcada pelas perdas de seu referencial histórico e social. A percepção desta crise identitária parece ter ocorrido ainda na década de 1980, quando a dinâmica urbana já mostrava claramente os efeitos do crescimento populacional, acompanhando, aliás, uma tendência observada em muitas outras grandes cidades brasileiras, como observa Cruvinel:

A partir da década de 80, as cidades passaram por crises urbanas, como o crescimento desordenado, o aumento da população, a necessidade de ampliação dos serviços públicos e das melhorias urbanas. Os espaços públicos dedicados às relações sociais passam a ser substituídos por lugares funcionais como centros comerciais, estações, corredores viários, viadutos, sem identidade, sem carga simbólica, que conferem um aspecto de impessoalidade à cidade. Assim, elas passaram a aderir à ideia de melhorar sua imagem sociocultural e começaram, então, a dotar os espaços públicos com mais símbolos, principalmente de artistas contemporâneos, com a intenção de criar novos símbolos que possam evocar algo e transmitir para as gerações futuras.⁴⁶

No caso feirense, em 1988, por exemplo, o Jornal *Feira Hoje*, publicou artigo “Uma cidade aberta”, em que se analisa o impacto do crescimento populacional feirense, impulsionado sobretudo pela migração, e seus efeitos sobre a estrutura urbana, a oferta dos serviços básicos e a falta de políticas e estudos para trabalhar a questão. E observa “Não existem dados estatísticos sobre o contingente populacional migrante em Feira. Empiricamente, suspeita-se, e há quem garanta, que, atualmente, a maioria dos habitantes não nasceram na cidade [...]”.⁴⁷ Na mesma edição, outro texto, sob o título “Quem é você, Feira de Santana?”, de autoria do antropólogo e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (esta fundada em 1976), Vicente Deocleciano Moreira, questionava os efeitos dessa conjuntura para a identidade local.

Esse artigo havia sido publicado originalmente em 1985, pelo mesmo periódico e, ao ser republicado pelo jornal em 1988, teve a observação de que o texto ainda se encontrava plenamente atual naquele momento, na identificação dos 10 aspectos que mais ameaçavam a cultura e a identidade locais. Moreira ilustra tal cenário sugerindo que se a cidade fosse personificada e indagada sobre quem era, esta

[...] certamente teria dificuldade em responder; aliás, tem sido cada dia mais difícil, para esta centenária cidade de Feira de Santana, responder a esta pergunta – salvo se a resposta for não sei ou estou cada vez mais perdendo a minha identidade, quando não ficando muda e embaraçada. (Grifos do autor)

E elenca o que considerava as ameaças à identidade histórica e cultural local, sendo estas: 1) a extinção da feira-livre do centro da cidade, em 1977; 2) a destruição do patrimônio arquitetônico (residencial e comercial) no centro histórico; 3) o menosprezo aos artistas locais, *Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 115-147, Jan-Abr, 2018.*

preteridos em relação aos de outras plagas; 4) a falta de um arquivo público; 5) a falta de tombamento, pelo IPAC, de antigos casarões da cidade; 6) a fragilidade do mercado cultural local, sob a forma de reduzido número de livrarias, cinemas e teatros, bem como no pouco interesse do empresariado em financiar (mesmo por meio das leis de incentivo fiscal, como a Lei Sarney) eventos e espetáculos artísticos; 7) o abandono da culinária típica regional pelos restaurantes locais; 8) a falta de apoio público e privado aos artistas e desportistas locais; 9) a mudança de nomes tradicionais de ruas por nomes de políticos e 10) a falta de um artesanato tipicamente local, para consumo.⁴⁸

A percepção das transformações culturais em curso também foi registrada pelo jornal *Feira Hoje* em uma terceira matéria, na mesma edição, sob o título de “Folclore de múltiplas faces”. Essa, contudo, aparentemente foi apresentada como um contraponto à leitura feita por Moreira, sinalizando os ganhos que a nova dinâmica social trazia para o cenário cultural feirense. Assim, registra o articulista que em Feira:

[...] Elementos do folclore das regiões de origem dos migrantes saem às ruas à vontade, como ocorria em suas cidades. Desta variação de influências, vai se formando o folclore feirense, com uma feição própria, que se caracteriza, exatamente, pela falta de características específicas [...] um mosaico cultural seria o espelho de Feira de Santana, com todas as suas diferenças e afinidades unidas numa simbiose constante, comungando-se com as peculiaridades específicas da região, que também, tem suas diferenças [...]. Os acadêmicos de ar condicionado temem que o folclore feirense esteja morrendo, como se folclore – ciência e arte do povo – viesse a deixar de existir. Está em transformação, pois o próprio povo está transformando, e o folclore mantém a sua dinâmica natural [...].⁴⁹

O registro demonstra claramente dois pontos: primeiro, o de que havia uma inequívoca percepção acerca de uma transformação em curso, provocada pelo afluxo de imigrantes e a mudança do perfil cultural da população, ainda que tal mudança seja tida como normal e até enriquecedora, a despeito de cada vez mais marcada pela falta de “características [culturais] específicas”. Mas, ao mesmo tempo, ao mencionar as queixas dos “acadêmicos” reconhece que tal visão não era compartilhada por todos, havendo mesmo vozes que alertavam, segundo a leitura destes, para o perigo de tais mudanças para a cultura local. Mostra também que, de modo geral, a temática da identidade cultural feirense já começava a despertar discussões e posicionamentos mais contundentes.

Dois anos depois uma outra nota, esta parte de uma série que comemorava os 20 anos de existência do *Feira Hoje*, diagnosticava mais uma vez a dinâmica populacional feirense, centrada no fenômeno da imigração, caracterizando-a como uma espécie de motor das transformações urbanas e dos problemas enfrentados pela cidade.

[...] Na trajetória dos migrantes que fogem de suas terras natais, está Feira de Santana, onde muitos param, impedidos de prosseguir viagem, principalmente porque não têm dinheiro para cumprir o roteiro estabelecido previamente. Entroncamento rodoviário ente norte/nordeste e o sul, Feira de Santana é passagem obrigatória dos migrantes, uma tradição que vem desde o início da povoação da cidade. O migrante é responsável pelo desenvolvimento feirense, pelo crescimento expressivo da população nas últimas três décadas. Há dois tipos de migrantes: aqueles que definem, como ponto de chegada esta cidade, em busca de trabalho ou melhores condições de vida; e os que param e vão ficando, enchendo as favelas, fazendo surgir novas, oferecendo trabalho braçal, “passando a chuva”, até

conseguirem condições de continuar o retiro. Vão ficando, estabelecendo-se, até a permanência definitiva.⁵⁰

Como pontuado, a percepção destas transformações produziu o senso de urgência que levou ao resgate do hino, bem como ao recurso a outros elementos iconográficos, para redefinir o etos feirense. Nesse caso, os sentidos originais do hino, há muito perdidos, cederam lugar à perspectiva de que este fosse (ou seja) um novo elemento agregador, sob outras bases: não só uma canção de todos para todos, um patrimônio comum, mas um patrimônio atrelado ao estar em Feira de Santana. Em uma terra formada agora por gentes sobretudo de fora, a canção de Georgina, que não evoca passado algum (pelo contrário, tem no futuro o foco de sua atenção) e que não parece eleger grupo ou um traço cultural específico (pelo menos não de uma forma que ainda seja reconhecível), mostra-se um elemento possível e adequado para esse fim, já que, aparentemente esvaziado de sentidos outros, evoca apenas um sentimento de pertença. Ou, mais significativamente, tenta instigar tal sentimento.

Desse modo, o hino à Feira converteu-se mais em um convite à identidade presente do que a evocação de uma outra, pretérita. E embora ambos os movimentos tenham a pretensão de trazer à cena um referencial sobre si para a sociedade, seus efeitos práticos são bem distintos, pois enquanto este último movimento busca recuperar sentidos e assegurar vínculos com o passado, talvez para reafirmar protagonismos, aquele outro cede ao reconhecimento de novos protagonistas sociais. É este, sem dúvida, um fenômeno de ressignificação simbólica que espelha a dinâmica das transformações sociais em curso na comunidade feirense.

Um balanço

Os contornos do processo descrito são ainda difíceis de definir, seja por sua abrangência, seja por seu relativo imediatismo quanto aos seus últimos efeitos, o que nos permite traçar com segurança apenas o esboço apresentado a partir de um elemento específico, o hino à cidade. Obviamente, contudo, o movimento de (re)construção de uma simbologia identitária local, no caso de Feira de Santana, envolveu e envolve outros elementos, de ordem arquitetônica, urbanísticas e imagéticas, que demandam ainda atenção e pesquisas apropriadas.

No caso do hino à Feira e de sua autora, em particular, devemos considerar as trajetórias distintas que um e outra fizeram, de acordo com os dados apresentados. Georgina de Melo Erismann tem sido há bastante tempo um vulto cultuado pelos feirenses. Seu talento artístico projetou o nome de Feira de Santana aos anais da cultura nacional e isso sempre foi algo muito caro a uma sociedade que buscou, desde sua origem, desenvolver estratégias para afirmar sua singularidade e valor. Tão significativa quanto tal necessidade de afirmação da sociedade foi a posição chave que a musicista logrou ocupar no cenário educacional feirense, através de sua atuação na Escola Normal. Por meio dessa atuação direta, bem como por conta da sua perpetuação pelo alunado daquela instituição de ensino, a obra de Georgina (e não só o hino) foi conhecida e replicada, contribuindo para a consolidação de sua imagem como grande artista e intelectual de sua época, e, por fim, projetando-a ao panteão das personalidades da história feirense, objeto de estudos biográficos, trabalhos de memória e investigações acadêmicas.

O hino, por outro lado, guarda uma trajetória bem menos grandiosa em princípio. Concebido, ao que tudo indica, apenas como um hino escolar, como um instrumento didático, a obra foi, por pelo menos trinta anos, material exclusivo das atividades educacionais internas da Escola Normal, e, por isso mesmo, permaneceu praticamente desconhecida (ou pelo menos pouquíssimo lembrada) fora daquele espaço institucional. Mas mesmo no âmbito da Escola Normal a utilização do hino em eventos formais não foi constante, conseqüentemente a obra tampouco foi considerada digna de nota, mesmo poucos anos depois de sua primeira apresentação, nas muitas e frequentes notícias veiculadas pela imprensa feirense sobre as atividades da sua então principal instituição de ensino. Na prática isso nos sugere que o hino georginiano estaria condenado ao esquecimento, não fosse a nova conjuntura que impôs sua retomada.

De fato, é seguro afirmar que foi a mudança do perfil sociocultural da população feirense, radicalmente transformada no decurso das décadas de 1930 a 1970, que produziu um choque identitário na geração que experimentou a percepção desta transformação. A constatação de que os vínculos da cidade com seu passado estavam se perdendo, sem que uma nova lógica de articulação com o presente estivesse clara, fez do hino à Feira (uma obra praticamente esquecida e com uma mensagem absolutamente estranha ao público hodierno), o primeiro dos elementos para recuperar (para alguns) e estimular (para uma maioria, sem dúvida) uma relação de pertença julgada necessária com este lugar, a cidade de Feira de Santana, uma das maiores do Brasil e, sem dúvida, uma das suas mais complexas, entroncamento rodoviário, centro de comércio e

serviços, mosaico étnico cultural, simultaneamente rico e carente, que experimenta e ostenta as características da condição de metrópole regional, enquanto luta para lidar com os múltiplos e sérios problemas que esta mesma condição lhe traz.

A compreensão plena desse processo ainda é um esforço em desenvolvimento, mas esperamos lançar alguma luz sobre o mesmo com esta reflexão inicial. Mais do que encerrar questão, portanto, buscamos mostrar que há muito ainda por compreender nesse caso. E uma tal compreensão, mais do que se prestar às veleidades laudatórias locais, mostra-se como uma oportunidade para o entendimento de processos similares a partir da experiência concreta de uma cidade que traz em seu percurso histórico traços comuns com outras comunidades contemporâneas, seja quanto ao fenômeno do crescimento e concentração urbana, seja quanto aos efeitos socioculturais, positivos ou não, deste fenômeno.

Notas

* Doutor em História. Professor Titular da Graduação em de História – Universidade Estadual de Feira de Santana. ORCID: 0000-0003-3738-6843.

¹ FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio séc. XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1.047.

² SERPA, D. C. **Seguindo lei firme, como outrora, gerado do caos sagrado, sente-se de novo o entusiasmo**: a representação do poeta e do seu fazer no hino alemão de Klopstock a Hölderlin. 2014. Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. pp. 15-16.

³ FIALHO, M. do C. **Cidadania e paideia na Grécia antiga**. Coimbra: Simões & Linhares, 2010. pp. 113-129.

⁴ ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972, passim.

⁵ SADIE, S. (ed.). **Dicionário grove de música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 432.

⁶ HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. [2ª ed.] São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 14.

⁷ HOBBSAWM, E. **A era das revoluções**: Europa 1789-1848. [9ª ed.] São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 291.

⁸ CARVALHO, V. M. de. **História e tradição da música militar**. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/MUSICAMILITAR.pdf>>. Acesso em: 05/02/2018.

⁹ BERG, T. J. **Território, cultura e regionalismo**: aspectos geográficos em símbolos estaduais brasileiros. 2009. 254 f. Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2009. p. 68.

¹⁰ RODRIGUES, T. B. R. **As estratégias discursivas de hinos patrióticos brasileiros**. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2017.

¹¹ PEREIRA, A. R. S. Hino Nacional Brasileiro: que história é esta? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo. n. 38, pp. 21-41, 1995.

¹² BASILE, M. O. N. de C. Festas cívicas na Corte regencial. **Varia historia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, pp. 494-516, Jul/Dez 2006.

¹³ GALINARI, M. M. **A era Vargas no pentagrama**: dimensões político-discursivas do canto orfeônico de Villa-Lobos. Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007. pp. 139-144.

¹⁴ CHERNÁVSKY, A. Um maestro no gabinete: música e política no tempo de Villa-Lobos. In: **Encontro Regional de História**. O lugar da História, 17, 2004. Campinas. *Anais...* Campinas. ANPUH; SPUNICAMP. 2004. 1 CD-ROM.

¹⁵ CORNELSEN, E. L. Hinos de futebol em Portugal: dos hinos marciais aos populares. **Em Tese**, [S.l.], v. 20, n. 1, pp. 106-121, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/5959>>. Acesso em: 06/02/2018.

¹⁶ _____. Hinos de futebol no Brasil: dos hinos marciais aos populares. **Revista interfaces**, n. 20, v. 1, pp. 78-94, jan.-jun., 2014.

¹⁷ UBINO, M. J. G; SOUZA, B. C. de; VALLADÃO, R. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da primeira república ao estado novo. **Fitness & Performance Journal**. n. 8, v. 1, pp. 56-76, jan/fev. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75117016010>>. Acesso em 06 fev. 2018.

¹⁸ Batizada com o nome Georgina de Mello Lima, nasceu em Feira de Santana (BA), em 27 de janeiro de 1893, filha de Camilo de Mello Lima e Leolinda Bacelar de Mello Lima. De família tradicional, deu início a sua formação musical em casa, com sua mãe, pianista e professora municipal. Sua formação musical teve continuidade no Instituto de Música da Bahia, onde, ao lado de Zulmira Silvany e Georgina Silva, fundou a Sociedade Auxiliadora do Conservatório de Música, na qual eram dadas aulas de canto e piano (Cf. GEORGINA ERISMANN. In: **Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/georgina-erisman/biografia>>. Acesso em: 25 set. 2016). Continuou os estudos no Rio de Janeiro, aprimorando-se em harmonia e composição. Ao fim de sua formação regressou a Feira de Santana, onde conheceu e casou-se com Walter Tudy Erismann, em 1926. Em Feira passou a atuar ativamente na vida cultural local com “apresentações lítero-musicais no Teatro Santana, em benefício do Clube Coreógrafo Dois de Julho, Asilo Nossa Senhora de Lourdes, Albergue Noturno, Igreja Senhor dos Passos, Igreja Senhor do Bonfim e em beneficência de crianças órfãs” (Cf. *Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 115-147, Jan-Abr, 2018.* 143

ACADEMIA DE EDUCAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA. Patronos. **Cadeira de nº 8 – Georgina de Mello Erismann - 1893-1937**. Feira de Santana, 2008. Disponível em: <http://www.academiadeeducacao.org.br/pat_georginaerisman.htm>. Acesso em: 25/09/2016). Como poetiza e escritora, Erismann teve vários trabalhos publicados em jornais feirenses e de Salvador. A visibilidade obtida com tais publicações, bem como o destaque que teve em sua passagem pelas instituições musicais de Salvador, conferiu-lhe reconhecimento entre a intelectualidade e o meio artístico baiano do período, o que resultou em sua indicação, pelo Governo do Estado, em 1936, para representar a Bahia na Feira Artística, Industrial e Comercial, em Campinas (SP), em homenagem ao Centenário de nascimento do maestro Carlos Gomes, ocasião em que foi muito elogiada, fazendo uma série de apresentações posteriores, que lhe renderam grande notoriedade artística no sul do país, e asseguraram sua inserção em obras de referência sobre a música nacional, como o *Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira*. Em 1937 Georgina Erismann passou a integrar o corpo docente da Escola Normal de Feira de Santana como professora de música e canto. Neste mesmo ano fundou a Escola de Música de Feira de Santana, como uma extensão (em termos de proposta pedagógica) do Instituto de Música da Bahia. Em 1940 Georgina e seu esposo mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde esta veio a falecer, menos de um mês após a sua transferência. Sua morte precoce causou grande comoção na sociedade feirense, que buscou homenageá-la dando seu nome à escola de música que criara. Décadas depois a musicista ainda era lembrada como um vulto feirense, dando nome a uma via pública e a instituição de ensino, dentre outras formas de reconhecimento. Ver também a respeito: MELLO, C. A. A. 66 anos sem Geogina de Mello Lima Erismann. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 24/02/2006. p. 3; RAMOS, C. B. de O. **Timoneiras do bem na construção da cidade princesa: mulheres de elite, cidade e cultura (1900-1945)**. 2007. Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2007. pp. 127-132.

¹⁹ ERISMANN, G. (org.) Hino à Feira. In: **Hinário escolar para o orfeão da escola normal da Feira de Santana**. Livraria Silva e Irmãos: Feira de Santana, 1928. p. 5.

²⁰ Tomamos aqui a noção de identidade social em seu sentido mais básico, conforme utilizado por Pollak, designando a experiência de construção de uma imagem, por uma comunidade, sobre si mesma, para si e para os outros, tendo a memória como matéria prima deste processo de construção, já que, como argumenta o autor esta é “[...] um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Cf. POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, pp. 200-212, 1992.

²¹ GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, pp. 211-228, jan-jun 2015.

²² A origem da localidade de Feira de Santana remonta ao séc. XVII, com o comércio de gado entre o Recôncavo e os sertões da Bahia. Dentre as muitas fazendas então surgidas, estava a de Santana dos Olhos d'Água. Esta fazenda, a exemplo de outras de maior porte na região, transformou-se em pequeno povoado e, em torno da capela ali erigida, teve origem uma pequena feira, formada pela população das circunvizinhanças, ainda no primeiro quartel do século XVIII. De acordo com Andrade, tal dinâmica fez da região “pouso obrigatório do caminho que dava o São Francisco e para as minas de ouro de Jacobina” criando com isso as condições gerais para o posterior desenvolvimento da vila de Feira de Santana, que veio a se converter em “um dos pontos de referência para a *Projeto História, São Paulo, v. 61, pp. 115-147, Jan-Abr, 2018.* 144

expressão geográfica e econômica da Província, tornando-se o centro da área pastoril da Bahia”. Uma vez estabelecida a feira de gado, no início da primeira década do século XIX, o antigo arraial de Santana dos Olhos d’Água prosperou e a feira livre avolumou-se, atraindo um número crescente de tropeiros e comerciantes. Por volta de 1819 o lugar já era conhecido como a Feira de Santana, tal era o destaque que aquela alcançava na região. Cerca de um século depois o município já figurava como a terceira economia do interior do Estado, perdendo apenas para os municípios de Ilhéus e Itabuna (então significativamente impulsionados pela atividade cacauzeira). Feira de Santana mantinha então sua atividade econômica baseada ainda, e em pé de igualdade, no comércio de gado e no comércio varejista. Cf. SILVA, Aldo José Morais. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937)*. Salvador, 2000. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. pp. 77-78. A cidade manteve-se então essencialmente como um dos mais movimentados entrepostos comerciais do estado da Bahia, ascendendo à condição de segunda maior cidade do Estado (menor apenas que a Capital) durante toda primeira metade do século XX. No início da década de 1960 o município experimentou novo surto de crescimento com o processo de urbanização e posterior industrialização iniciado na Região Metropolitana de Salvador, e que se estende ao sertão baiano, concretizando-se em terras feirenses no ano de 1970, com a criação do Centro Industrial do Subaé. Cf. FREITAS, N. B. Desenvolvimento territorial e modernização industrial: uma leitura sobre o sertão brasileiro. **Revista geográfica de América Central**, v. 2, n. 47 (Especial), pp. 1-13, 2011. A estas transformações na dinâmica econômica somam-se outras, mais presentes no cotidiano urbano da população já na década de 1950, quando a cidade se viu inserida no eixo de ligação rodoviária entre o nordeste e o sudeste, que protagonizava então o processo de industrialização nacional. Tal posição estratégica levou à abertura de diversas rodovias que passaram a cortar a cidade como a Rio-Bahia (BR-116), iniciada ainda em 1941 e concluída em 1950, e a Feira-Salvador (BR-324), que teve seu asfaltamento concluído em 1960, com profundas implicações sobre a vida e a experiência sócio cultural dos feirenses. Cf. SILVA, A. J. M. Educação musical como projeto: 50 anos do seminário de música de Feira de Santana. **Metáfora educacional**. n. 15, pp. 48-76, 2012.

²³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. (CD-ROM).

²⁴ Ver a respeito: SOUZA, E. L. **Prosas de valentia: violência e modernidade na princesa do sertão (1930-1950)**. 2008. Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008 e OLIVEIRA, A. M. C. dos S. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950-1960)**. 2008. Doutorado em História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

²⁵ MELLO, J. da S. Feira de Santana: cidade do futuro. **Sitientibus**, Feira de Santana. Ano. 2, n. 4, pp. 77-84, jan./jun., 1984.

²⁶ idem.

²⁷ BOAVENTURA, E. A. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006. pp. 85-86.

²⁸ SILVA. H. N. “Meu Caro Aloísio”. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 13 jan. 1951. p. 4.

²⁹ Disponível em: <<http://porsimas.blogspot.com.br/2015/07/no-tempo-da-velha-republica.html>>. Acesso em: 15/01/2016.

³⁰ Disponível em:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=867430&page=402>>. Acesso em: 28/08/2016.

³¹ A Rua Sales Barbosa era também conhecida neste período como Rua do Meio, porque situada entre a Rua Conselheiro Franco (também chamada de Rua Direita) e a rua (mais tarde Avenida) Senhor dos Passos.

³² Ver por exemplo: BORGES, E. Degradação do centro preocupa moradores de Feira.

A Tarde. Salvador, 23/09/2007. Disponível em:

<<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1255129-degradacao-do-centro-preocupa-moradores-de-feira>>. Acesso em: 27/08/2016;

MAGALHÃES, J. Comerciantes da Sales Barbosa pedem socorro. **Correio Feirense.** Feira de Santana, 24 dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.correiofeirense.com.br/noticia/10845/comerciantes-da-sales-barbosa-pedem-socorro>>. Acesso em: 27/08/2016 e ONOFRE, J. Marcelo Alexandrino diz que

centro da cidade encontra-se numa desordem incabível. **Bahia na política.** Feira de Santana, 01/08/2015. Disponível em:

<http://www.bahianapolitica.com.br/noticias/38318/ban_cargaedescarga.swf>.

Acesso em: 27/08/2016.

³³ COUTINHO, D. Prefeitura delimita espaço entre ambulantes e pedestres na Sales

Barbosa. **Acorda Cidade.** Feira de Santana, 6 dez. 2013. Disponível em:

<<http://www.acordacidade.com.br/noticias/116836/prefeitura-delimita-espaco-entre-ambulantes-e-pedestres-na-sales-barbosa.html>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

³⁴ Disponível em: <http://porsimas.blogspot.com.br/2015/07/avenida-senhor-dos-passos_26.html>. Acesso em: 15 jan. 2016.

³⁵ Disponível em: <<http://memoriasdefeirasantana.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2016.

³⁶ Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2013/08/empresarios-de-feira-de-santana-preparam-campanha-para-denunciar-estado-de-desordem-do-centro-comercial/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

³⁷ _____. Um favelão chamado Feira de Santana. **Jornal Grande Bahia.** Feira de Santana, 30 out. 2014. Disponível em:

<<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2014/10/um-favelao-chamado-feira-de-santana/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

³⁸ BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 17.

³⁹ FREITAG, B. **Teorias da cidade.** Campinas: Papirus, 2012. p. 151.

⁴⁰ *ibid.* p. 153.

⁴¹ Podemos mesmo registrar a experiência pessoal, entre 1977 e os anos iniciais da década de 1980, de entoar o hino à Feira, após o hino nacional, todas as sextas-feiras, junto aos demais estudantes, perfilados diante das bandeiras hasteadas do Brasil, da Bahia e de Feira de Santana, no pátio da Escola do Centro de Assistência Social Santo Antônio (ECASSA), onde cursamos todo o ensino fundamental.

⁴² PEIXOTO, A. Toda cheia de graça infinita! **Jornal Grande Bahia.** Feira de Santana, 1 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2008/08/toda-cheia-de-graca-infinita/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

⁴³ Embora traga o registro, feito pela editora da obra, que sua tiragem foi feita para a Prefeitura Municipal de Feira Santana, fica claro que o *Album* não foi um projeto da administração municipal, mas apenas contou com o apoio financeiro, para impressão, dado pelo então prefeito José Falcão da Silva à iniciativa do jornalista. De fato, não há registro de que seu lançamento, em 29 de outubro de 1966, tenha sido tratado como um evento da municipalidade, tampouco houve anúncio de presença do prefeito ou de outras autoridades administrativas ao evento, evidenciado que este foi, de fato, uma iniciativa particular. Ver a respeito: ALBUM DA FEIRA DE SANTANA. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 29 out. 1966. p. 6.

⁴⁴ MACHADO, F. **Álbum da Feira de Santana - Bahia**. São Paulo: Cacimba: 1966. p. 9.

⁴⁵ Nos anos 1990 a cidade ganhou, por iniciativa do poder público, a instalação de monumentos que evocam sua história e ou sua identidade, como a escultura, sem nome (1991), de Juraci Dórea, instalada na Avenida Getúlio Vargas; o monumento ao vaqueiro (1998), situada na Avenida Olímpio Vital (prolongamento da Getúlio Vargas); o monumento ao tropeiro (199-), situada na praça de mesmo nome, próximo ao Centro de Abastecimento de Feira de Santana; o memorial à Maria Quitéria (2001), projetado pelo arquiteto Luiz Humberto de Carvalho, dentre outros. Ver a respeito FEIRA DE TODOS OS MONUMENTOS. **Folha do Estado**. Feira de Santana, 18 set. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalfolhadoestado.com/noticias/28923/feira-de-todos-os-monumentos>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

⁴⁶ CRUVINEL, E. H. de P. A trajetória dos monumentos: formação do conceito e valores. **Cultura Histórica & Patrimônio**. Alfenas – MG, v. 3, n. 2, pp. 31-52, 2016.

⁴⁷ UMA cidade aberta. **Feira Hoje**. Feira de Santana, 4 set. 1988, caderno 3, p. 3.

⁴⁸ MOREIRA, V. D. Quem é você, Feira de Santana? **Feira Hoje**. Feira de Santana, 4 set. 1988, caderno 3, p. 2.

⁴⁹ FOLCLORE de múltiplas faces. **Feira Hoje**. Feira de Santana, 4 set. 1988, caderno 3, p. 11.

⁵⁰ PONTO de migração. **Feira Hoje**. Feira de Santana, 5 set. 1990, p. 7.